



## 05 DE MAIO DE 2016

### Quinta-feira

- GOVERNO CRIA REGRA PARA AGILIZAR PEDIDOS DE RENOVAÇÃO NO PPE
- MARCOPOLO VOTA FLEXIBILIZAÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO NESTA QUINTA-FEIRA, EM CAXIAS
- BMW CONFIRMA PRODUÇÃO PRÓPRIA DE MOTOS NO BRASIL
- SINDICATO PARA PRODUÇÃO DA MERCEDES-BENZ POR UM DIA
- FORD INSTALA 17 NOVOS ROBÔS EM CAMACARI
- ABEIFA ESTIMA QUEDA DE 35% DAS VENDAS EM 2016
- BMW INAUGURA FÁBRICA DE MOTOS NO 2º SEMESTRE
- SCHIEMER CHAMA AUMENTO DO AÇO DE "DESASTRE"
- NANOMOTOR A VAPOR EXPLODE COM ALTA EFICIÊNCIA
- BALANÇOS DE EMPRESAS BRASILEIRAS AINDA VÃO PIORAR BASTANTE, DIZ FITCH
- BRASIL DECIDE DESLIGAR 2 MIL MW EM USINAS TÉRMICAS
- AÇÕES DA BHP E DA VALE EM QUEDA APÓS PROCESSO BILIONÁRIO NO BRASIL
- COBRE RECUA EM LONDRES E NY COM DÓLAR FORTE E PREOCUPAÇÕES SOBRE CHINA
- TESLA ADIANTA EM DOIS ANOS ABERTURA DE FÁBRICA DE GRANDE ESCALA
- COM CRISE E DÓLAR CARO, VENDAS DE CARROS IMPORTADOS CAEM 45% DE JANEIRO A ABRIL
- DESEMPREGO CRIA GERAÇÃO DE MICROEMPREENDEDORES
- COMMODITIES IMPULSIONAM VENDAS PARA A ÁFRICA, MAS RECEITA FICA ESTÁVEL
- REDE DE CARGA DE ENERGIA DE CARROS CHARGEPOINT RECEBE APORTE DE US\$50 MI
- GERDAU ANUNCIA QUEDA DE 94,8% NO LUCRO
- METADE DA INDÚSTRIA CRESCE COM AJUDA DO SETOR EXTERNO NO 1º TRI
- BRIDGESTONE DISPENSA 105 OPERÁRIOS APÓS ALTERAR ESCALA
- ENTREVISTA: POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO DEVEM TER AGENDA DE ESTADO
- EMPRESAS BRASILEIRAS ENFRENTAM REGRAS E BUROCRACIA PARA EXPORTAR
- MEIS SÃO 76,7% DAS NOVAS EMPRESAS

- **5 DICAS PARA INICIANTES NO E-COMMERCE**
- **ANTECEDENTE DE DESEMPREGO AVANÇA E É O MAIOR DESDE MAIO DE 2014**

<b>CÂMBIO EM 05/05/2016</b>		
	<b>Compra</b>	<b>Venda</b>
<b>Dólar</b>	3,525	3,525
<b>Euro</b>	4,019	4,021

**Fonte: BACEN**

### **Governo cria regra para agilizar pedidos de renovação no PPE**

05/05/2016 - Fonte: G1

O governo publicou nesta quarta-feira (4), no "Diário Oficial da União", uma portaria que regulamenta os prazos para apresentação dos pedidos de Termos Aditivos no âmbito do Programa de Proteção ao Emprego (PPE). Segundo o Ministério do Trabalho, ela permite que o prazo de renovação vigore com data retroativa ao deferimento do pedido.

"A portaria dá mais agilidade para que a empresa receba os recursos da renovação do PPE, repassados pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). A empresa, a partir de uma análise prévia, poderá receber os recursos e transferir aos trabalhadores, a partir da data do deferimento", afirmou o secretário de Políticas Públicas de Emprego, Márcio Borges.

Pelas novas regras, os pedidos de prorrogação do prazo de adesão, do aumento de percentuais de redução da jornada de trabalho e de salário, e ou acréscimo de novos setores, deverão ser formalizados no prazo mínimo de 30 dias da data pretendida para a renovação.

"Quando a empresa pretender outras alterações no Termo Aditivo, o pedido deverá ser formalizado no prazo mínimo de 15 dias, antes da prorrogação", informou o governo.

Para solicitarem renovação do PPE, explicou o Ministério do Trabalho, as empresas deverão respeitar o período de vigência do acordo coletivo com os trabalhadores.

A medida, segundo o governo, também agiliza a tramitação da análise dos pedidos de renovação, prevendo que, excepcionalmente, mediante aprovação da Secretaria Executiva do PPE, os termos aditivos já apresentados antes da publicação da portaria, poderão vigorar com data retroativa ao deferimento do pedido.

Segundo o secretário de Políticas Públicas de Emprego, Márcio Borges, o PPE tem se mostrado eficaz.

"Mais de 20 empresas já protocolaram oficialmente pedidos de aditivos ao Programa, renovando a adesão a partir de acordo coletivo com os trabalhadores e, assim, evitando

demissões. O objetivo da portaria é regulamentar esse processo de renovação ao PPE", afirmou.

### **Programa de Proteção ao Emprego**

O Programa de Proteção ao Emprego (PPE) foi lançado no ano passado pelo governo federal. O plano reduz a jornada de trabalho e corta salários de funcionários de empresas em dificuldades financeiras.

Na ocasião, o governo informou que o PPE foi criado com o objetivo de frear as demissões no país.

Para participar, as empresas terão que atender aos critérios de um 'índice' de geração de empregos e precisarão esgotar primeiro a utilização do banco de horas e períodos de férias, inclusive coletivas.

O PPE permite a diminuição temporária de até 30% das horas de trabalho, com redução proporcional do salário pago pelo empregador, para empresas de todos os setores em dificuldades financeiras.

A diferença do salário é parcialmente compensada pelo governo, que vai pagar 50% da perda com o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

O Programa de Proteção ao Emprego, informou o governo, já transferiu mais de R\$ 157 milhões, para manutenção de 58 mil empregos, com 104 termos de adesão publicados, beneficiando 84 empresas. Foram 53 Termos de Adesão concedidos em 2015 e 51 neste ano.

## **Marcopolo vota flexibilização da jornada de trabalho nesta quinta-feira, em Caxias**

05/05/2016 - Fonte: O Pioneiro



*Cerca de 6,5 mil trabalhadores em Caxias votarão se aceitam ou não dar continuidade à medida de maio até julho*

A Marcopolo submete os cerca de 6,5 mil trabalhadores das plantas fabris de Ana Rech e Planalto, em Caxias do Sul, à votação de mais uma rodada de flexibilização da jornada de trabalho nesta quinta-feira.

Se aprovada, será a segunda no ano, por três meses (de maio a julho). O acordo permite que a empresa suspenda as atividades – os setores podem parar totalmente ou parcialmente – por até nove dias no mês, repetindo o formato adotado nos últimos três meses.

Das horas flexibilizadas, 50% seriam pagas pela companhia e as 50% restantes descontadas dos salários. O acordo não significa que a empresa tenha de parar por esse período, mas é uma garantia em caso de necessidade por escassez de pedidos.

A fábrica da Marcopolo no Rio de Janeiro está parada desde o começo do ano em lay-off (suspensão temporária dos contratos dos trabalhadores), medida que valerá até 6 de junho. Lá, a decisão foi mais drástica do que em Caxias.

## **BMW confirma produção própria de motos no Brasil**

05/05/2016 - Fonte: R7

A BMW anunciou nesta quarta-feira que vai ter sua própria fábrica de motocicletas no Brasil, a ser instalada em Manaus (AM), que terá como meta a produção de mais de 10 mil motocicletas em 2017 para o mercado brasileiro.

As vendas de motos no Brasil de janeiro a abril acumulam queda de 12,8 por cento sobre o mesmo período do ano passado, a 379,6 mil unidades, segundo dados da associação de concessionários de veículos Fenabrave.

Apesar disso, segundo o diretor da BMW Motorrad Brasil, Federico Alvarez, "a nova fábrica reforça a relevância do Brasil nas estratégias do BMW Group em médio e longo prazos. Temos expectativas positivas em relação ao mercado brasileiro no futuro".

A fábrica da companhia será a primeira de motocicletas da marca no país e deve criar 170 empregos, informou a montadora. O início da operação ocorrerá no segundo semestre deste ano, com o modelo G 310 R, primeiro da BMW com menos de 500 cilindradas. Atualmente, o modelo mais acessível da linha de motos BMW no Brasil é G650 GS, vendida por 35,9 mil reais, a preços de tabela.

A unidade produtiva substituirá a linha de montagem da marca em Manaus criada em parceria com a brasileira Dafra em 2009, informou a BMW.

De janeiro a abril, a BMW acumulou vendas de 2.386 motocicletas no Brasil, equivalente a uma participação de 0,63 por cento do mercado, segundo a Fenabrave. A líder foi a Honda, com vendas de 253.869 motos, e fatia de cerca de 67 por cento.

## **Sindicato para produção da Mercedes-Benz por um dia**

05/05/2016 - Fonte: Automotive Business



Após assembleia realizada na manhã da quarta-feira, 4, na fábrica da Mercedes-Benz em São Bernardo do Campo (SP), promovida pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, os trabalhadores decidiram parar a produção por um dia. Atualmente, a fábrica está trabalhando em um turno.

De acordo com o diretor administrativo do sindicato, Moisés Selerges, há entre os funcionários da fábrica insegurança por parte dos gerada pela afirmação do presidente da empresa no Brasil, Phillipp Schiemer, sobre a não renovação do PPE - Programa de Proteção ao Emprego.

"A paralisação de hoje é um recado à direção da Mercedes-Benz do Brasil. O presidente da montadora afirmou na semana passada que o PPE se esgotou e há um excedente de dois mil trabalhadores. Queremos deixar claro que queremos negociar uma solução conjunta, mas não aceitaremos demissões", disse em comunicado.

Segundo o sindicato, dos 9,8 mil trabalhadores da fábrica paulista da Mercedes-Benz, 8 mil estão no regime de PPE, com jornada reduzida em 20%.

A adesão ao programa foi feita em setembro de 2015 e o período de estabilidade dos empregos vence em agosto. Selerges reforça que o sindicato está aberto para iniciar

um processo de negociação antes do fim deste o período de estabilidade, mas diz que as conversas com a montadora ainda não iniciaram.

A produção deverá retomar normalmente na quinta-feira, 5, informa o sindicato.

## **Ford instala 17 novos robôs em Camaçari**

05/05/2016 - Fonte: Automotive Business



A Ford colocou em operação na fábrica de Camaçari (BA) 17 novos equipamentos robotizados, instalados nos processos de pintura, estação de calafetagem da carroceria e na aplicação de spray das soleiras. Segundo a Ford, a modernização garante alto nível de qualidade e resulta em benefício ao meio ambiente.

“Os novos recursos técnicos no setor de pintura permitem o aumento na flexibilidade da fábrica para implementação de novas versões do EcoSport e das linhas Ka e Ka+ produzidas em Camaçari. Também oferece maior produtividade com a possibilidade de funcionamento mesmo com um dos equipamentos parado”, afirma o gerente do complexo industrial Ford Nordeste, Silvio Illi.

As cabines de spray de revestimento contam com dez robôs que viabilizam a aplicação da camada à base de água utilizada para dar cor ao veículo.

Essa automação do procedimento assegura a uniformidade na camada de tinta e elimina variações no processo, que é feito por um sistema de controle integrado de fluxo de tinta, de ar, de alta tensão e da rotação do sino do aplicador, melhorando a qualidade do produto.

Para a modernização da estação de calafetagem da carroceria foram instalados cinco novos robôs. Somados a outros dois equipamentos implantados no setor de aplicação de spray da soleira, eles asseguram o uso do material na carroceria com um alto nível de qualidade e precisão.

As duas linhas passaram por modificações e seguem os padrões utilizados pelas fábricas da Ford nos Estados Unidos e na Europa.

A calafetagem nas carrocerias aumenta a proteção contra corrosão e evita infiltração de água ou ar, poeira reduz ruídos e também protege contra batidas de pedra na parte inferior do veículo. O sistema de leitura de código de barras utilizado garante a repetibilidade do procedimento.

O controle de temperatura determina a viscosidade ideal para a aplicação do material, enquanto o controle de vazão libera o volume correto a ser aplicado. Outro benefício é a flexibilidade de operação no caso de parada de um dos robôs.

## Abeifa estima queda de 35% das vendas em 2016

05/05/2016 - Fonte: Automotive Business



As dezoito empresas filiadas à Abeifa, Associação Brasileira das Empresas Importadoras e Fabricantes de Veículos Automotores, preveem uma queda de 35% das vendas em 2016 na comparação com o ano passado, quando foram licenciadas 59.975 unidades.

Se a projeção se cumprir, as importadoras terão encerrado o ano com a entrega de 39 mil unidades no mercado brasileiro. Em sua projeção, a entidade trabalha com a estimativa de que o mercado total de veículos no Brasil chegará a 1,8 milhão de unidades, incluindo leves e pesados, o que representaria retração de 27% no comparativo anual.

“Pre vemos uma queda [dos importados] maior que a do mercado geral já considerando a fatia de 9% deste total que será o volume excedente da cota de importação e para a qual incidirá os 30 pontos porcentuais adicionais de IPI”, explica o presidente da Abeifa, José Luiz Gandini, que reassumiu o cargo no mês passado.

“As vendas têm caído e as marcas estão se adequando à demanda, porém, em nível que quase não dá para manter os negócios”, lamenta. “Eu não posso vender mais carro, não estou importando mais porque não tem mais cota para isso”, acrescenta. Gandini, que é presidente da Kia Motors no Brasil, diz que no seu caso, há pedidos de concessão para a abertura de concessionárias da marca. “Mas não posso nomear, porque vai faltar carro para os grupos que já estão no mercado”, revela.

Gandini defende que além da sobretaxação do IPI, vigente desde 2012 para todos os veículos importados, a alta do dólar que também vem se acentuando desde 2011, é o que está dificultando ainda mais o desempenho dos importadores. A média do câmbio, que em 2011 era de R\$ 1,67, chegou a R\$ 2,35 em 2014 e a R\$ 3,33 em 2015. Atualmente, considerando o primeiro quadrimestre, a média está em R\$ 3,82.

Já sobre as cotas de importação, limitada a 4,8 mil unidades ao ano por empresa sem a sobretaxação de 30 pontos no IPI - ele toma como exemplo os números consolidados do primeiro quadrimestre do ano, cujos emplacamentos de importados das filiadas atingiram as 12.716 unidades, volume 44,6% menor do que o apurado em igual período do ano passado.

“Vendemos mais carro do que o que se tem de cota para o período”, disse ao considerar o volume total de cotas prevista para o ano sem a sobretaxação, de 37.757 unidades. As demais 3.243 unidades serão excedentes.

Ainda sobre mercado, no comparativo mensal, de abril contra março, as vendas diminuíram 13,9%, para 2.856 veículos, enquanto que sobre abril do ano passado, houve recuo mais acentuado, de 45,8%.

A média diária de vendas pelas importadoras caiu 5,3% na passagem de março para abril, de 150,8 unidades por dia útil para 142,8 unidades, enquanto que para o mercado geral, a média diária tem se mantido estável em 7,8 mil unidades em cada um dos meses entre janeiro e abril.

## CONSEQUÊNCIAS

Com a previsão de vender 39 mil veículos importados neste ano, a Abeifa prevê encerrar o período com 450 concessionárias em operação e 13.560 postos de trabalho. Segundo Gandini, estes números estão praticamente estáveis com os apurados no encerramento de 2015:

"As redes já se adequaram a esta nova realidade, quem tinha que fechar concessionárias, já fechou no ano passado", ressalta. Contudo, ele lembra que estes dados representam uma queda importante quando comparados com 2011, antes da sobretaxação do IPI.

Naquele ano, as importadoras tinham 848 concessionárias abertas e 35 mil empregados. A arrecadação de impostos em 2011 foi de R\$ 6,4 bilhões: para este ano, a entidade prevê arrecadação na ordem de R\$ 2,1 bilhões.

"Para voltar aos números de 2011, é preciso tirar o adicional do IPI e o mercado voltar ao seu ritmo mais comum", afirma. Sobre renegociar com o governo esta condição do IPI, Gandini afirma que não é o momento:

"É cedo para isso. Estive em Brasília há uma semana e o clima é de que ninguém tem cabeça, está todo mundo arrumando as gavetas e limpando tudo para ir embora. Nem sei com quem deveria falar neste momento, não está nada definido", conta.

Ele acrescenta que nesta sua nova gestão levantará a bandeira de exclusão dos 30 pontos adicionais do IPI para importados, uma vez que o volume vendido pelas filiadas à Abeifa representam apenas 5% do mercado geral, e que focará na criação da sobretaxação do IPI apenas para veículos com baixa eficiência energética, o que já é premissa do Inovar-Auto:

"Nós importadores já pagamos a 'multa' por trazer carros de fora: são 35% de imposto de importação, o índice máximo permitido pela OMC. A partir do momento que o importado paga esse valor, ele deve ser tratado com as mesmas regras impostas ao veículo nacional, não pode haver um IPI diferente para cada um.

A regra está errada. É necessário que se crie um critério que valha para todos", defende. "Já conversei com o Megale sobre isso (Anfavea) e ele entendeu. Seria importante se levássemos uma proposta conjunta ao governo", declarou.

Em sua avaliação sobre o mercado, disse que apesar do momento difícil do mercado, as vendas de veículos no Brasil podem variar, o que dependerá do humor da economia nos próximos meses: "Pode ir a 2 milhões de unidades, que é o número que a Anfavea trabalha, pode ser 1,6 milhão, tudo dependerá do cenário político e econômico nos próximos meses", afirma

### **BMW inaugura fábrica de motos no 2º semestre**

05/05/2016 - Fonte: Automotive Business

A BMW confirmou para o segundo semestre a inauguração da própria fábrica de motos em Manaus (AM). A produção da nova unidade vai começar com a G 310 R (foto), primeira motocicleta urbana BMW com cilindrada abaixo de 500 cc.

A empresa prevê para 2017 a fabricação de mais de 10 mil unidades. De acordo com dados da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa), o investimento previsto é de US\$ 25,8 milhões.

Vale dizer que desde 2009 a fabricante alemã vem utilizando as instalações da Dafra para a nacionalização de suas motocicletas e essa operação ainda ocorrerá por mais alguns meses na companhia brasileira.

A BMW estima 170 funcionários trabalhando na nova unidade. Parte desse efetivo já pertence à empresa, atuando dentro da Dafra. "Com nossa estratégia de crescimento global, reforçamos a presença em mercados como o Brasil (...) A G 310 R terá um papel fundamental na atração de novos públicos para a BMW", afirma o presidente mundial da BMW Motorrad, Stephan Schaller.

O novo modelo já é produzido atualmente em Bangalore, na Índia, em parceria com a TVS. Quando estiver à venda no Brasil deverá custar por volta de R\$ 20 mil ou cerca de 40% a menos que a G 650 GS, a BMW mais acessível do País atualmente. Em 2015 a BMW teve 7,8 mil unidades vendidas no Brasil e foi a marca que registrou a menor queda entre as fabricantes com tradição em alta cilindrada. O novo modelo abre perspectiva de aumento de volume e também de ampliação da rede.

Segundo a BMW, a transição de operações entre Dafra Motos e BMW Motorrad ocorrerá de maneira gradual a fim de evitar impacto no abastecimento de produtos ao mercado nacional.

### **Schiemer chama aumento do aço de "desastre"**

05/05/2016 - Fonte: Automotive Business



O presidente da Mercedes-Benz do Brasil, Philipp Schiemer, chamou de "desastre" a possível elevação dos preços do aço pretendida pelas siderúrgicas. "O PIB está em queda, inflação em alta e volumes de vendas que retrocedem à década de 90. Agora ouvimos falar em reajuste do aço. Qualquer aumento de custos neste momento será desastroso para a indústria automotiva, porque as montadoras não têm condições de repassar esses aumentos aos clientes", destacou o executivo aos representantes da cadeia de suprimentos da empresa, que se reuniram na fábrica de São Bernardo do Campo (SP) na terça-feira, 3, para a cerimônia de premiação dos melhores fornecedores da montadora, o Prêmio Interação 2016.

Schiemer pediu união de toda a cadeia automotiva para tentar barrar o reajuste do aço. "Somos das poucas montadoras que têm conversado com nossos fornecedores para aliviar as pressões de custos. Pedimos para a Anfavea (a associação dos fabricantes de veículos) e ao Sindipeças (que reúne os fornecedores de autopeças) que se posicionem fortemente contra esse aumento", defendeu.

### **Nanomotor a vapor explode com alta eficiência**

05/05/2016 - Fonte: CIMM

Pesquisadores construíram uma espécie de nanoatuador de alta eficiência que pode constituir uma base para futuras aplicações em nanorrobótica, incluindo robôs pequenos o suficiente para entrar em células vivas.

Ao contrário de outros nanomotores que navegam em meios líquidos não muito amigáveis e dependem de combustíveis agressivos, o novo atuador navega em água pura e é alimentado por luz.



Tao Ding e seus colegas da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, chamam seu dispositivo de "nanomotor", embora ainda falte algum trabalho para que ele possa realizar um trabalho controlado.

Mas isso não impede que a equipe especule em seu artigo que o dispositivo poderá ser usado para mapear o ambiente ao seu redor, ou mesmo entrar em células vivas - ainda que seu funcionamento "explosivo" coloque riscos claros à integridade das células.

### **Motor explosivo**

O dispositivo é feito de pequenas partículas de ouro, ligadas por um gel à base de polímeros sensíveis à temperatura. Conforme o nanomotor é aquecido por um laser até uma temperatura limite (32° C), ele armazena uma grande quantidade de energia elástica numa fração de segundo, conforme os revestimentos de polímero expõem toda a água do gel e colapsam. Isto tem o efeito de forçar as nanopartículas de ouro a formar aglomerados muito apertados.

Basta desligar o laser e deixar o nanomotor esfriar para que ele libere toda a energia acumulada. Os polímeros sugam novamente a água e começam a se expandir. Quando a força de van der Waals é vencida, as nanopartículas de ouro são rapidamente empurradas para fora, como uma mola.

"É como uma explosão," afirma o professor Tao Ding, da Universidade de Cambridge, no Reino Unido.

"Nós temos centenas de bolas de ouro voando para todos os lados em um milionésimo de segundo, quando as moléculas de água inflam os polímeros em torno delas", completa.

### **Nanomotor a vapor**

"Nós sabemos que a luz pode aquecer a água para os motores a vapor. Mas agora podemos usar a luz para alimentar um motor a pistão em nanoescala," acrescentou o coautor do trabalho, Ventsislav Valev.

Embora a equipe não tenha construído um motor a pistão, vislumbra a possibilidade de uso da explosão para isso. Ou seja, antes de pensar em usos práticos, a equipe terá que descobrir uma forma de domar suas nanopartículas, para que seu nanomotor não se torne uma simples "nanogranada".

Parece valer a pena o esforço, já que as forças exercidas pelo nanoatuador são várias ordens de magnitude maiores do que as feitas por qualquer outro dispositivo já demonstrado, com uma força por unidade de peso quase uma centena de vezes melhor do que qualquer motor ou músculo artificial.

Segundo os pesquisadores, seus nanomotores também são biocompatíveis, baratos de fabricar, respondem rapidamente e têm elevada eficiência energética.

## **Balanços de empresas brasileiras ainda vão piorar bastante, diz Fitch**

05/05/2016 - Fonte: Reuters

Boa parte da piora da economia brasileira a partir de meados de 2014 ainda não está inteiramente refletida nos balanços das empresas do país, cujo perfil de endividamento deve piorar por pelo menos mais dois a três anos, disse nesta quarta-feira um executivo da agência de classificação de risco Fitch.

"O aumento do custo de financiamento ainda não está refletido nos balanços", disse o diretor sênior de finanças corporativas da Fitch, Ricardo Carvalho, durante evento com investidores.

Segundo Carvalho, a Fitch cortou 90 ratings nacionais e 61 internacionais de companhias do Brasil nos últimos 28 meses e a tendência é que essa rota seja mantida no médio prazo.

Pelas contas da Fitch, na média, as empresas brasileiras estão gastando o equivalente a 40 por cento da geração de caixa com pagamento do serviço da dívida, fruto do aumento dos juros no país e do fechamento do mercado de capitais para a maioria delas.

Segundo a agência, no setor de construção pesada, os acordos de leniência acertados pelas grandes empreiteiras do país não devem amenizar a posição de crédito destas empresas. Já no setor imobiliário, a Fitch avalia que apenas MRV e Cyrela não deverão ter fluxo de caixa negativo este ano.

Enquanto isso, no setor de energia elétrica, a agência avalia que sobras de eletricidade entre 7 bilhões e 10 bilhões de reais deverão pressionar o balanço de distribuidoras do país.

### **Brasil decide desligar 2 mil MW em usinas térmicas**

05/05/2016 - Fonte: Reuters

O Comitê de Monitoramento do Setor Elétrico (CMSE) determinou nesta quarta-feira o desligamento das usinas termelétricas com custo variável unitário (CVU) superior a 150 reais por megawatt/hora (MWh), o que representa a retirada do sistema de cerca de 2 mil MW médios.

Essas térmicas serão desligadas a partir do dia 7 de maio, em meio a uma melhora do quadro de oferta de energia hidrelétrica mais barata, após uma recuperação dos reservatórios, e num ambiente de queda no consumo pela crise econômica.

O desligamento implicará em uma economia ao sistema elétrico de 288 milhões de reais por mês, ou de mais de 2 bilhões de reais em 2016, segundo comunicado do Ministério de Minas e Energia.

Com a decisão, deixarão de despachar as usinas J. Lacerda C, Luiz Carlos Prestes L1, Euzébio Rocha L13. Luiz Carlos Prestes L13, J. Lacerda B, Rômulo Almeida, Nova Venécia, Governador Leonel Brizola L13, Aureliano Chaves, J. Lacerda A2, Barbosa Lima Sobrinho e Charqueadas.

Com a melhora nas condições de suprimento de eletricidade em relação à demanda, o governo vem determinando o desligamento de térmicas desde o ano passado.

Na primeira deliberação, em agosto de 2015, foram desligadas usinas com CVU superior a 600 reais por MWh. Depois, a partir de março deste ano, foram desligadas as termelétricas com custo acima de 250 reais por MWh e, a partir de abril, deixaram de operar as usinas com CVU maior do que 211 reais por MWh.

O desligamento das térmicas reduz o custo da energia e possibilitou a implantação, a partir de abril, das bandeiras tarifárias verdes, que não implicam em custo adicional aos consumidores.

Na reunião desta quarta-feira, o CMSE manteve o cálculo de que o risco de déficit de energia no Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste do país é zero este ano.

## **Ações da BHP e da Vale em queda após processo bilionário no Brasil**

05/05/2016 - Fonte: UOL Economia

As ações das mineradoras BHP Billiton e Vale permaneciam em queda nesta quinta-feira, após o anúncio de uma ação do Ministério Público Federal do Brasil, que exige uma indenização bilionária pela tragédia ambiental de Mariana, em novembro do ano passado, que matou 19 pessoas.

As ações da BHP fecharam em queda de 1,92% nesta quinta-feira na Bolsa de Sydney, a 18,43 dólares australianos, seguindo a tendência da Vale, que registrou baixa de 5,34% na quarta-feira na Bolsa de São Paulo.

As duas mineradoras são proprietárias em partes iguais da Samarco, a empresa responsável pela barragem de rejeitos que se rompeu em 5 de novembro, provocando um deslizamento que devastou uma grande área do estado de Minas Gerais.

O MP pede agora às duas empresas uma indenização bilionária de 155 bilhões de reais (43,4 bilhões de dólares).

## **Cobre recua em Londres e NY com dólar forte e preocupações sobre China**

05/05/2016 - Fonte: Isto É Dinheiro

Os futuros de cobre operam em baixa em Londres e Nova York, em meio à valorização do dólar ante várias moedas e preocupações com a oferta na China, o maior consumidor mundial de metais básicos.

O índice do dólar WSJ está em alta nesta manhã, o que torna o cobre, que é indexado à moeda norte-americana, mais caro para detentores de outras divisas.

A ANZ Research, por sua vez, avalia que recentes cortes de produção na China estão sendo compensados pela ampliação da capacidade. Além disso, indicadores chineses divulgados ontem à noite mostraram novo enfraquecimento da atividade na segunda maior economia do mundo.

Por volta das 7h15 (de Brasília), o cobre para três meses negociado na London Metal Exchange (LME) caía 1%, a US\$ 4.819,00 por tonelada. Na Comex, a divisão de metais da bolsa mercantil de Nova York (Nymex), o cobre para julho tinha queda de 1,17%, a US\$ 2,1610 por libra-peso, às 8h05 (de Brasília).

Mais adiante, os preços dos metais poderão continuar mais baixos por mais tempo, segundo o chefe de pesquisa da Fastmarkets, William Adams. "O rali dos metais básicos parece estar se estagnando", comentou Adams. "Dito isso, com os preços avançando para o nível de resistência...é possível que os preços precisem se consolidar em níveis menores por algum tempo."

## **Tesla adianta em dois anos abertura de fábrica de grande escala**

05/05/2016 - Fonte: Isto É Dinheiro

A fabricante americana de veículos elétricos Tesla anunciou nesta quarta-feira que adiantará em dois anos o início do funcionamento de sua fábrica, capaz de produzir até 500.000 automóveis por ano, projetando a abertura para 2018.

A companhia também confirmou que espera entregar entre 80.000 e 90.000 veículos em 2016.

A empresa californiana registrou perdas no primeiro trimestre deste ano, apesar de seu volume de negócios ter aumentado 45%, chegando a 1,6 bilhão de dólares.

Lançada em 2003, a Tesla nunca teve lucro, apesar de seu sucesso na Bolsa e da imagem positiva e inovadora.

A perda por ação foi, nos três primeiros meses do ano, de 57 centavos, enquanto o mercado esperava que fosse de 58.

A Tesla por enquanto só produz dois modelos de luxo, o modelo S e o X. A fabricante começará a produzir o modelo 3, um carro mais barato, no final do ano que vem, embora já tenha cerca de 325.000 pedidos.

"Considerando a demanda pelo modelo 3, decidimos adiantar nosso plano de construção de 500.000 unidades (de modelos S, modelo X e modelo 3) para 2018, dois anos antes do previsto", explicaram Elon Musk, presidente da companhia, e Jason Wheeler, diretor financeiro, em uma carta aos acionistas publicada nessa quarta-feira.

Após o anúncio, a ação da Tesla subiu 4,70%, cotada a 233,02 dólares.

Somente no primeiro trimestre, a Tesla produziu 15.510 carros, um recorde para esse período, o que supôs um aumento de 10% em relação ao mesmo período do ano passado.

Sobre essa cifra, 12.851 eram modelos S, os mais antigos, e 2.659, modelos X.

### **Com crise e dólar caro, vendas de carros importados caem 45% de janeiro a abril**

05/05/2016 - Fonte: O Estado de S. Paulo



Para este ano, Abeifa projeta a comercialização de 39 mil veículos, ante 200 mil em 2011, o melhor ano já registrado para vendas; em 2016, setor contabiliza 450 concessionárias e 13,6 mil funcionários – há cinco anos, eram 848 lojas e 35 mil empregados

Linha vazia. Fábrica da chinesa Chery, em Jacareí, em SP, opera hoje com menos de 10% de sua capacidade de produção

Crise, dólar valorizado e sobretaxa de impostos levaram o mercado de carros importados a uma queda de 44,6% nos quatro primeiros meses do ano, enquanto as vendas totais do mercado, incluindo os modelos nacionais, recuaram 27,6% em relação ao primeiro quadrimestre de 2015.

Os dados incluem apenas veículos trazidos de fora por marcas sem fábricas no País, como Kia, JAC e Volvo e algumas das que abriram unidades mais recentemente – Chery, Suzuki e BMW/Mini. Ao todo, as 18 filiadas à Associação Brasileira das Empresas Importadoras e Fabricantes de Veículos Automotores (Abeifa) venderam 12.716 unidades neste ano.

O volume representa 2% do total de automóveis e comerciais leves vendidos no Brasil de janeiro a abril. Com o fraco desempenho, a Abeifa projeta para o ano vendas de 39 mil veículos, 35% a menos que no ano passado. Em 2011, o segmento vendeu quase

200 mil veículos, o equivalente a 5% do mercado total. Desde então, os negócios caem sem trégua (ver quadro).

Com o novo cenário, o presidente da Abeifa, José Luiz Gandini, projeta que o segmento deverá operar este ano com 450 concessionárias e 13.560 funcionários. Há seis anos eram 848 lojas e 35 mil funcionários.

Entre as que fecharam revendas está a chinesa Geely, que tinha 26 pontos de venda e hoje tem cinco. A marca trazia carros do Uruguai, onde mantinha linha de montagem, mas suspendeu as atividades e as importações por tempo indeterminado.

Gandini acredita que o fim da cobrança da taxa extra do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) de 30 pontos percentuais, em vigor desde o fim de 2011, ajudaria o segmento a diminuir o tamanho do buraco em que está. "Precisamos ter isonomia com os fabricantes nacionais, pois já pagamos a multa de 35% de Imposto de Importação para entrar no País".

A sobretaxa vale para carros produzidos fora do Mercosul e do México (que têm acordos comerciais com o Brasil) por temor, na época, de que ocorresse uma invasão de importados, principalmente de chineses.

A medida criou cotas sem o imposto extra de acordo com a média de venda de cada marca (limitadas a 4,8 mil unidades ao ano) mas, em razão do câmbio atual, muitas empresas sequer preenchem a cota. Gandini espera que o provável novo governo de Michel Temer reveja a medida.

**Novatas.** As montadoras que se instalaram no País há pouco mais de dois anos, algumas antecipando projetos para escapar do IPI extra, também estão em situação difícil. As fabricantes filiadas à Abeifa – BMW/Mini, Chery e Suzuki – venderam neste ano 2,7 mil carros produzidos localmente, 31,6% a menos que em 2015.

A chinesa Chery vendeu no quadrimestre 381 carros feitos em Jacareí (SP), que opera com menos de 10% de sua capacidade. Das versões importadas, as vendas caíram 82%.

Das vendas da alemã BMW e da coligada Mini, de 3.521 unidades, 1.824 são de modelos fabricados em Araquari (SC), número 24% menor que o de 2015. A japonesa Suzuki abandonou a fábrica construída em Itumbiara (GO) e produz seus modelos junto com sócia Mitsubishi, em Catalão. A venda de modelos nacionais da marca caiu 39% este ano, para 501 unidades.

Abriram fábricas este ano a Audi, que vendeu 3.998 carros, 20% menos que em 2015. Do total, 34% são de modelos feitos no Paraná. A Mercedes-Benz, com filial em Iracemápolis (SP) desde março, ainda não entregou às lojas versões nacionais.

A chinesa JAC prometeu uma fábrica de 100 mil carros ao ano na Bahia, mas reviu o projeto, ainda paralisado, para 20 mil. A marca vendeu 997 carros até abril, queda de 51% ante 2015.

Outra fabricante, a Jaguar Land Rover, deve iniciar operações em Itatiaia (RJ) em junho.

Entre marcas de super luxo, Lamborghini e Rolls Royce não venderam nada este ano. Em 2015 foram oito carros. A Ferrari, por sua vez, cresceu 20%: de cinco para seis unidades.

## **Desemprego cria geração de microempreendedores**

05/05/2016 - Fonte: EM.com

O emprego escasso lançou nova leva de microempreendedores no Brasil, que surpreende em razão de seu avanço. Pesquisa realizada pela consultoria Boa Vista SCPC (Serviço Central de Proteção ao Crédito), com base em dados da Receita Federal, indica crescimento de 14,3% no primeiro trimestre deste ano dos registros de microempreendedores individuais (MEIs) ante o mesmo período do ano passado.

O aumento puxou a criação de novas empresas no país, com crescimento de 16% em relação ao quarto trimestre de 2015 e 6,4% frente aos primeiros três meses de 2015.

Enquanto o número de microempreendedores individuais disparou, na comparação dos trimestres de 2016 e de 2015 as microempresas e demais formas jurídicas de implantação de negócios diminuíram 10,4% e 19,6%, respectivamente.

Com a expressiva expansão do número de MEIs, esse grupo de empreendedores passou a ter participação de 76,7% na composição de abertura de empresas nos primeiros três meses de 2016, acréscimo de 5,4 pontos percentuais em relação ao primeiro trimestre de 2015. As microempresas passaram de 9,3% para 7,1%, enquanto as de outras composições jurídicas encolheram de 19,3% para 16,3%.

Para o economista-chefe da Boa Vista SCPC, Flávio Calife, o movimento de aumento de registro de MEIs está associado ao crescimento do desemprego. O país encerrou o primeiro trimestre com 11,1 milhões de desempregados e renda em baixa, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A taxa de desemprego está em 10,9%.

“Trabalhamos com a hipótese de que boa parte das pessoas que perderam emprego pode ter migrado para a tentativa de um negócio próprio, principalmente no setor de serviços, como é comum no Brasil. A novidade é que há mais incentivos para a formalização”, disse Calife.

Na opinião do economista da Boa Vista SCPC, uma possível mudança de política econômica num eventual novo governo pode ter reflexos no aumento do registro de MEIs.

Quando analisada a composição das novas empresas por setores, a pesquisa mostra que apenas aquelas do setor de serviços registraram avanço considerável. No primeiro trimestre de 2015, esse setor correspondia a 54%.

Agora, o volume atingiu 56,9%. O ramo do comércio recuou de 35,5% para 32,5%, ao passo que a indústria passou de 9,9% para 10,2% e o setor rural cedeu de 0,6% para 0,4%.

Entre os negócios que mais abrem as portas estão os da área de beleza, tendo em vista que o Brasil é considerado o terceiro maior mercado global de produtos do gênero, envolvendo despesas feitas nos salões de cabeleireiro, serviços de estética e lojas de cosméticos.

### **INSOLVÊNCIA**

Os micro e pequenos empreendedores são também personagens centrais em se tratando das dificuldades enfrentadas pelas empresas no país., diante da recessão.

Nos quatro primeiros meses deste ano, o percentual de recuperações judiciais requeridas atingiu 97,6%, maior nível para esta base de comparação desde 2006, portanto em 10 anos, de acordo com levantamento divulgado ontem pela empresa de

consultoria e serviços financeiros Serasa Experian de Falência e Recuperações.

No primeiro quadrimestre do ano, foram 571 ocorrências, em relação ao total de 289 apresentadas de janeiro a abril de 2015.

As micro e pequenas empresas lideraram o ranking de falências e recuperações judiciais, com 327 pedidos entre janeiro e abril de 2016, e também na comparação de abril com março (98). Na sequência, no primeiro quadrimestre, aparecem as médias empresas, com 149 ocorrências, e 40 pedidos no mês.

### **NOVAS NO PEDAÇO**

76,7%

É a participação dos microempreendedores individuais no universo de empresas abertas no Brasil

7,1%

Percentual de microempresas entre os negócios abertos no país no primeiro trimestre do ano.

### **Commodities impulsionam vendas para a África, mas receita fica estável**

05/05/2016 - Fonte: DCI



Ainda que o aumento dos embarques de milho e açúcar tenha levado a um crescimento de 40% no volume de vendas para os africanos, a receita proveniente das exportações se manteve estável nos primeiros meses deste ano.

Entre janeiro e abril, produtores e empresários no Brasil receberam US\$ 2,379 bilhões com vendas para a África, mesmo valor registrado nos primeiros quatro meses de 2015. Os dados são do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

O volume de exportações, por outro lado, disparou neste ano. Em quatro meses de 2016, foram 6,272 bilhões de quilos em vendas, frente a 4,489 bilhões de quilos no primeiro quadrimestre do ano passado.

E os ganhos brasileiros com vendas para África não devem ter grande aumento neste ano, disse Francisco Américo Cassano, professor de comércio exterior da Universidade Presbiteriana Mackenzie. O volume de vendas, "principalmente de básicos" pode continuar crescendo, ponderou ele.

O especialista comentou, ainda, que um possível governo Temer deve dar maior atenção para trocas com países desenvolvidos, como Estados Unidos e membros da União Europeia. "Será uma abordagem diferente da realizada por Lula e Dilma, quando havia mais aproximação com países do hemisfério sul", afirmou.

Neste ano, o crescimento do volume de vendas para a África foi causado, em grande parte, pelo avanço dos embarques de açúcar (+37%) e milho (438%). A primeira commodity, principal produto da pauta de exportação para os africanos, rendeu US\$ 574 milhões para o Brasil neste ano. Já a segunda gerou ganhos de US\$ 232 milhões.

Também teve avanço importante (+29%) o volume das vendas de carne bovina (US\$ 238 milhões).

Ainda que o peso das vendas de produtos básicos apresente crescimento expressivo, a receita dos embarques teve avanço inferior (+9%), chegando a US\$ 829 milhões em quatro meses deste ano.

O descompasso entre os aumentos em volume exportado e rendimento das vendas, visto nas trocas de commodities em todo o mundo, foi abordado por Armando Monteiro, ministro do MDIC, na última segunda-feira. Segundo ele, o Brasil teria uma receita adicional de R\$ 13 bilhões neste ano, caso o preço dos produtos básicos estivesse no mesmo patamar do ano passado.

#### Competição asiática

As vendas de manufaturados para a África renderam menos. Entre janeiro e abril, foram recebidos US\$ 879 milhões com embarques desses produtos, queda de 14% na comparação com igual período de 2015.

A maior competição de países asiáticos, como a China, seria o principal motivo desse recuo. De acordo com Cassano, os industrializados brasileiros só oferecem vantagens "em questões de financiamento", mas são mais caros, ainda que tenham qualidade semelhante à dos asiáticos.

O volume exportado dos principais manufaturados vendidos pelo Brasil caiu neste ano. Ainda assim, os ganhos com vendas de veículos cresceram, enquanto os rendimentos de embarques de tratores e motores diminuiram.

Na direção contrária, a receita com vendas de semimanufaturados avançou em 2016. Os produtos intermediários trouxeram US\$ 665 milhões para o Brasil no primeiro quadrimestre, alta de 14% ante igual período de 2015.

#### Principais países

As maiores economias da África estão na lista de compradores mais importantes do continente de produtos brasileiros.

O Egito, por exemplo, gastou US\$ 643 milhões, principalmente com carne de bovino e milho. Em recuperação após a fase mais intensa da Primavera Árabe no país, os egípcios dobraram o volume de compras do Brasil e foram responsáveis pela importação de 2,125 bilhões de quilos neste ano.

Já a África do Sul ampliou em 31% o volume de compras, que chegou a 656 milhões de quilos. Em 2016, a parceira do Brasil no Brics importou, principalmente, milho, litorinas e automóveis.

Outras economias importantes do continente que ampliaram, em 2016, o montante de compras brasileiras são Marrocos (+32%, para 416 milhões de quilos), Nigéria (+40%, para 887 milhões de quilos) e Argélia (+47%, para 1,024 bilhão de quilos).



## **Rede de carga de energia de carros ChargePoint recebe aporte de US\$50 mi**

05/05/2016 - Fonte: DCI



A rede de carga de bateria de carros elétricos ChargePoint recebeu aporte de 50 milhões de dólares, financiamento que permitirá à companhia do Valo do Silício ampliar seu número atual de 27 mil estações públicas de carga.

A nova rodada de financiamento foi liderada por Linse Capital e elevou o total de recursos levantados junto a investidores para mais de 164 milhões de dólares.

Maior rede de carga de carros elétricos do mundo, a ChargePoint tem operações nos EUA, Canadá, Nova Zelândia e Austrália. A empresa opera as estações de recarga, mas não detém a propriedade sobre eles. A companhia também vende um carregador para ser usado em casa.

O presidente-executivo da ChargePoint, Pasquale Romano, afirmou que o crescimento vai acelerar conforme mais modelos de carros elétricos chegam ao mercado com apelos mais amplos.

## **Gerdau anuncia queda de 94,8% no lucro**

05/05/2016 - Fonte: Diário do Comércio

A receita líquida da empresa fechou o primeiro trimestre em R\$ 10,08 bilhões, retração de 3,5%

Após um 2015 negativo, com queda de 42,5% no lucro líquido, a Gerdau fechou o primeiro trimestre de 2016 com nova retração. Dessa vez, o desempenho ficou negativo em 94,8% frente ao mesmo período do exercício anterior, ao cair de R\$ 267 milhões para R\$ 14 milhões. O resultado reflete, principalmente, a retração das vendas no mercado brasileiro, conforme demonstrou balanço divulgado ontem pelo grupo.

A receita líquida da empresa fechou o primeiro trimestre em R\$ 10,08 bilhões. O valor é 3,5% inferior aos R\$ 10,44 bilhões do mesmo período de 2015. Na mesma base de comparação, a geração de caixa operacional - o Ebitda - retraiu 15,9%, passando de R\$ 1,10 bilhão para R\$ 930 milhões.

Segundo o diretor-presidente da empresa, André Gerdau Johanpetter, o mau desempenho se explica, principalmente, pela queda de 7% nas vendas físicas registradas no trimestre. A comercialização nos três primeiros meses deste ano totalizou 3,851 milhões de toneladas, enquanto em 2015 havia sido 4,143 milhões de toneladas.

A retração, porém, não foi uma surpresa para o grupo. As perspectivas, conforme lembra o executivo, são de uma redução de 0,8% na demanda global por aço, que deverá ficar próxima de 1,5 bilhão de toneladas.

Em 2015, já foi registrada uma diminuição de 3% no consumo mundial. "Os desafios do setor seguem sendo o excesso de capacidade instalada, menor crescimento da China, volatilidade nos mercados financeiros e lento crescimento do comércio mundial", afirma.

No Brasil, o consumo aparente deverá cair 9% em 2016, após uma retração de 17% no exercício anterior. A situação está pior do que a média mundial em função da instabilidade política e retração econômica, que impactam os principais segmentos consumidores de aço.

O desempenho do grupo só não foi pior por causa das vendas em outros mercados em recuperação. Na América do Norte, operação que inclui usinas de aços longos nos Estados Unidos, Canadá e México, por exemplo, o Ebitda teve uma expansão de 40%.

Segundo Johanpetter, nos Estados Unidos, o que alavanca a demanda é o crescimento da construção não residencial devido aumento dos investimentos em infraestrutura. Além disso, a venda de aços especiais, em função do setor automotivo, segue em escala crescente no país norte-americano.

**Investimentos** - Mesmo com perspectivas positivas em alguns mercados, a empresa segue com a estratégia de redução dos investimentos neste ano. Serão aportados R\$ 1,5 bilhão, enquanto em 2016 havia sido R\$ 2,3 bilhões.

No primeiro trimestre, foram investidos R\$ 485 milhões. O valor foi voltado para a conclusão de dois importantes projetos da companhia. O primeiro é a aciaria na Argentina e o segundo, a instalação do laminador de chapas grossas na usina de Ouro Branco, em Minas Gerais.

Esse último terá início de operação antecipada para julho deste ano. A programação inicial era que o equipamento entrasse em funcionamento no fim de 2016. A capacidade instalada será de 1,1 milhão de toneladas de chapas grossas por ano, que se junta a 800 mil toneladas que o outro laminador, em atividade desde 2013, pode produzir. Dessa forma, a capacidade do grupo em aços planos será de 1,9 milhão de toneladas.

## **Metade da indústria cresce com ajuda do setor externo no 1º tri**

05/05/2016 - Fonte: Valor Econômico

Metade dos 23 principais setores da indústria de transformação começou a sair do fundo do poço no primeiro trimestre. De acordo com a Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 12 setores produziram mais entre janeiro e março deste ano que no último trimestre de 2015, descontados os efeitos sazonais.

Na média, a indústria ainda produziu 2,3% menos em igual comparação, mas o ritmo de queda arrefeceu - foi a menor retração trimestral desde o fim de 2014. No quarto trimestre de 2015 sobre o terceiro, a queda chegou a 4,1%, sempre na série com ajuste sazonal.

O crescimento dos 12 setores foi uma "virada". Entre o quarto e o terceiro trimestre de 2015, apenas a produção de alimentos foi positiva. A recuperação desses setores é tímida e insuficiente para compensar a brutal queda acumulada no ano passado.

Na média, a indústria produziu 11,7% menos no primeiro trimestre em relação a igual período do ano passado e apenas dois setores estão no positivo em relação a 2015 (celulose e farmacêutica).

Entre os que inverteram o sinal, destacam-se segmentos de mão de obra intensiva e com canal na exportação ou que podem estar sendo beneficiados pela queda das importações (com eventual substituição por fornecedor local), como têxtil, calçados, móveis, produtos de madeira, perfumaria, produtos químicos e refino de derivados de petróleo e biocombustíveis.

Os segmentos com produção de maior valor agregado e cuja demanda também depende de crédito, seja ao consumidor, seja para outras empresas, ainda registraram queda na produção, como automóveis, máquinas e equipamentos, material elétrico, etc.

Os 12 setores com variação positiva no primeiro trimestre representam cerca de 43% do valor da transformação industrial, sendo que 13 pontos percentuais correspondem ao setor de alimentos e 10 pontos ao refino de combustíveis, sobrando 20 pontos divididos nos demais segmentos.

Aqueles que aumentaram a produção no primeiro trimestre não são, portanto, segmentos indutores ou que integrem uma cadeia capaz de dar fôlego aos demais. Não são "propulsores" de atividade nos demais, como ocorre com a fabricação de automóveis, nem refletem uma indústria se preparando para produzir mais e melhor, como a fabricação de máquinas e equipamentos.

Em segmentos como têxteis, calçados, produtos de madeiras e móveis, a desvalorização do câmbio começa a fazer diferença no comércio exterior. No primeiro trimestre, o volume exportado de produtos têxteis subiu 42% em relação ao mesmo trimestre do ano passado, enquanto a de couro e calçados cresceu 15%, percentual semelhante ao de produtos químicos e de itens de vestuário, enquanto o embarque de móveis subiu 9%, segundo dados da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex).

Em todos esses setores, além do aumento da exportação, há uma queda forte do volume importado, que foi de 40% em têxteis, de 51% em vestuário e 42% em calçados e 41% em móveis, sempre em relação ao mesmo período do ano passado.

Apesar da tímida recuperação em relação ao fim de 2015 e desses resultados expressivos na exportação e na importação, todos esses setores ainda produziram menos no primeiro trimestre de 2016 em relação ao início de 2015.

### **Bridgestone dispensa 105 operários após alterar escala**

05/05/2016 - Fonte: DGABC



Menos de uma semana depois de alterar a jornada de trabalho, a fabricante de pneus Bridgestone cortou cerca de 105 funcionários da planta de Santo André. Quando a medida foi anunciada, no fim de abril, tanto empresa quanto o Sindicato dos Borracheiros da Grande São Paulo garantiram que não haveria demissões.

Em razão da queda na venda de pneus para montadoras, a companhia optou por paralisar a produção aos domingos. Para isso, a escala, que era de 6x2 (seis dias seguidos de serviço e dois de folga) passou para 6x1.

Essa alteração fez com que o número de turmas de trabalho caísse de quatro para três. Inicialmente, a informação dada pela firma era de que os empregados do grupo extinto seriam diluídos entre os demais, de modo a não ter cortes.

Ontem, após o **Diário** confirmar as demissões, o presidente do sindicato, Marcio Ferreira, afirmou que os trabalhadores dispensados eram temporários. "Como negociamos contratos por prazo determinado, já estava acertado que, se não houvesse aumento na produção, não haveria renovação. Esse acordo foi feito justamente para preservar o emprego do pessoal contratado por tempo indeterminado", comenta.

Em nota, a Bridgestone, que é detentora da marca Firestone, informou que, diante do cenário econômico desfavorável, "teve de tomar uma decisão difícil de não renovar os contratos vencidos dos funcionários que trabalhavam no regime de contrato por tempo determinado", e que a medida foi "necessária para adequar o nível de produção à demanda atual do mercado". A companhia não respondeu se fará mais cortes.

## **ENTREVISTA: Políticas de educação, ciência, tecnologia e inovação devem ter agenda de Estado**

05/05/2016 - Fonte: CNI



O diretor-geral do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Rafael Lucchesi, é o mais novo integrante do Conselho Nacional de Educação (CNE). O órgão ligado ao Ministério da Educação (MEC) tem o papel de diagnosticar problemas e definir medidas para aperfeiçoar os sistemas de ensino em seus diferentes níveis e modalidades. Juntamente com 11 membros, ele integrará a Câmara de Educação Superior. Outros 12 formam a Câmara de Educação Básica.

Lucchesi assume como conselheiro no momento em que o país discute a criação de uma Base Nacional Comum Curricular. A proposta de currículo mínimo para todos os alunos das 190 mil escolas de educação básica do país abre a possibilidade de ampliar a oferta de educação profissional. Logo depois da posse como conselheiro, Rafael Lucchesi conversou com a Agência CNI de Notícias sobre os desafios para o mandato. Veja, a seguir, os principais trechos da entrevista:

**AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - Essa é sua segunda vez que você é nomeado para conselhos nacionais, a primeira foi no de Ciência e Tecnologia. Como você avalia o trabalho dessas instâncias de participação?**

**RAFAEL LUCCHESI** - É um trabalho fundamental. As agendas de educação, ciência, tecnologia e inovação só têm seus resultados em longo prazo, de forma geracional. É necessário haver ações de Estado, para além dos governos. Por isso, a atuação do CNE tem o papel decisivo de buscar perspectiva estratégica e de longo prazo da política educacional, que é fundamental para o desenvolvimento econômico, social e da cidadania. Na sociedade do conhecimento, a educação tem um papel central.

**AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - Quais os principais desafios do CNE no próximo período?**



**"É necessário haver ações de Estado, para além dos governos" - Lucchesi**

**RAFAEL LUCCHESI** - Certamente, são as respostas estratégicas para a Base Nacional Comum Curricular. Precisamos fortalecer a perspectiva de melhorar a qualidade da educação, resolver o problema da matriz educacional brasileira, que ainda oferece pouco o ensino técnico como alternativa para os jovens estudantes e também para uma quantidade grande de adultos que passou pela escola, mas tem poucos anos de escolaridade e não tem uma profissão.

Trata-se de uma população mais fragilizada socialmente e para a qual o Estado pode dar uma resposta afirmativa por meio da educação regular combinada com a educação profissional. São 80 milhões de brasileiros que não têm o ensino médio completo.

**AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - Como sua atuação no SENAI pode contribuir para o trabalho na Câmara do Ensino Superior, ao qual estará ligado?**

**RAFAEL LUCCHESI** - O SENAI é um grande ator na área da educação profissional, mas também tem um trabalho relevante no ensino superior, principalmente na formação de tecnólogos e nas engenharias. Nós acreditamos, inclusive, que é necessário haver maior flexibilidade entre essas áreas de forma que um técnico em mecânica, por exemplo, possa abater créditos em sua formação de tecnólogo em mecânica.

Da mesma forma, o cumprimento de parte do curso de tecnólogo pode já conferir ser a formação técnica para que, caso o estudante não conclua o curso, ele já possa ter seu diploma. O marco regulatório para isso já está progredindo. Certamente, a formação superior e a técnica precisam dialogar. O pleno do Conselho Nacional de Educação pode ser uma instância importante para avançar nesse sentido.

**AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - Você citou o Programa Nacional de Apoio ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) como uma política recente importante para melhorar a qualidade da formação dos jovens e dos trabalhadores brasileiros. Que lições essa experiência pode trazer para outros níveis de ensino?**

**RAFAEL LUCCHESI** - O Pronatec tocou em um ponto central da nossa matriz educacional, que é o desbalanceamento entre formação básica e a formação técnica oferecida no Brasil. Apenas 9% dos estudantes do ensino médio fazem também educação profissional.

Nos países da Europa, esse índice supera os 50%. Ao tentar solucionar isso, o Pronatec assume a condição de uma política de Estado. Nada melhor do que o fórum do Conselho Nacional de Educação para tratar dessas questões. A Base Nacional Comum Curricular, lançada nessa terça-feira (03), já expressa essa preocupação com a perspectiva de ajustar a formação profissional a partir da perspectiva de política de Estado.

## Empresas brasileiras enfrentam regras e burocracia para exportar

05/05/2016 - Fonte: Portal Contábil

A burocracia e a constante mudança de regras estão dificultando a vida dos empresários que tentam exportar para fugir da crise no Brasil.

Entre as máquinas de costura, Malu se sente em casa. Há 40 anos ela cria e produz roupas de tricô para grandes marcas brasileiras. Agora está de olho nas estrangeiras. A primeira remessa de biquinis deve ir para a Austrália, assim que ela desvendar o mundo das exportações. Há dois meses, ela tenta entender como funciona a papelada.

"Desde a classificação fiscal, a natureza da operação que tem que ser a certa e o valor, você tem tirar nota fiscal em reais e a invoice é em dólar. Isso tem que casar pela cotação do dia. Então são dúvidas que vão surgindo na hora e que você fala 'Meu Deus, qual que é o certo? Qual que não é o certo?'" , diz a empresária Malu Rocha.

Quem pensa em exportar precisa ter fôlego porque o caminho é longo e cheio de etapas:

Primeiro, a empresa tem que se habilitar no sistema de rastreamento da Receita Federal, o Siscomex. Aí ela vai ter que negociar com o comprador e fazer uma espécie de pré-contrato para amarrar a transação. Fechou negócio? É preciso acertar os detalhes do câmbio e levar uma série de documentos ao banco para depois conseguir receber pela venda.

Também é preciso correr com o registro de exportação, nota fiscal e fatura internacional fora outros cinco documentos exigidos por alguns países como certificados de origem e qualidade. E a empresa só consegue despachar as mercadorias depois que a Receita checar toda a papelada, no terminal de embarque. O processo todo leva 15 dias, em média. Isso se o exportador tiver bom despachante ou um departamento especializado em comércio exterior.

Se não bastassem todas essas etapas, as regras ainda mudam o tempo todo. Um levantamento mostrou que 70% das empresas não conseguem perceber isso.

"Sem dúvida quando a gente fala a cada dia nós temos quatro mudanças que podem afetar o comércio exterior é algo impactante que com certeza as empresas não vão conseguir seguir tudo que deveriam sem uma estrutura muito grande para isso", diz Menotti Franceschini, diretor de negócios e comércio exterior da Thomson Reuters.

Para capitalizar quando a oportunidade aparece uma montadora de caminhões e ônibus, presente em mais de 100 países, tem esse departamento, com 280 pessoas, criado pra destrichar os trâmites e agilizar o embarque das mercadorias.

Essa estrutura ajudou quando a empresa resolveu aproveitar a desvalorização do real e ampliou rapidamente as exportações de quinze para setenta por cento da produção.

"Eu acho que é um excesso e isso faz com que a gente tenha que ter ruma estrutura de pessoas preparando, lendo, entendendo essas mudanças, analisando os impactos que essas mudanças trazem pro seu negócio, tudo isso acaba aumentando o nosso custo", diz Fábio Castelo, vice-presidente de logística da Scania.

Regras mais simples e claras, é tudo o que querem as 23,5 mil empresas brasileiras exportadoras para ocupar mais espaço no mercado global.

## MEIs são 76,7% das novas empresas

05/05/2016 - Fonte: Portal Contábil



O número de novas empresas cresceu 6,4% no primeiro trimestre de 2016 em relação ao mesmo período do ano anterior, segundo levantamento da Boa Vista Serviço Central de Proteção ao Crédito (SCPC). Em relação ao quarto trimestre de 2015, a alta foi de 16%.

A variação de abertura de novas empresas foi fortemente influenciada pelo aumento do número de microempreendedores individuais (MEIs). Esses negócios aumentaram 5,4 pontos percentuais de sua participação, totalizando 76,7% das novas empresas. Na variação do primeiro trimestre deste ano contra os três últimos meses de 2015, as MEIs expandiram 24,4%.

No que se refere a variação anual, no primeiro trimestre de 2016, o crescimento registrado foi de 14,3%, aumento significativo se comparado ao mesmo período do ano passado com o de 2014, quando apresentou variação de 7,8%.

O movimento registrado foi ocasionado pelo cenário de recessão do País, com o recuo das atividades, o que conseqüentemente elevou a taxa de desemprego.

Diante dessa conjuntura econômica, o economista chefe da Boa Vista SCPC, Flávio Calife, pontuou que grande parte dessas empresas foi aberta por pessoas que perderam seus empregos e estão criando novos empreendimentos para exercerem atividades com uma empresa formalizada, mas não com um emprego formal e carteira assinada.

No ano passado as variações trimestrais de MEIs apresentaram queda apenas na comparação do quarto trimestre de 2015 com o terceiro do ano anterior, apresentando resultado negativo de 19%. Na comparação do terceiro com o segundo trimestre a alta foi de 6,6%.

Para o economista da Boa Vista SCPC a tendência é de continuidade no aumento de abertura de novos microempreendedores individuais.

Em outras classificações divulgadas pela Boa Vista foi registrado recuo: a variação das Microempresas (MEs) e as demais formas jurídicas recuaram 10,4% e 19,6%, respectivamente. Já na comparação desse trimestre com o quarto trimestre de 2015 as MEs expandiram apenas 1,6%.

### Setores

Quando analisada a composição das novas empresas por setores, o levantamento da Boa Vista SCPC mostrou que apenas Serviços registraram ganho de representatividade. No primeiro trimestre de 2015, este setor correspondia a 54%, agora, atingiu 56,9%.

Os setores Indústria e Rural praticamente permaneceram estáveis, já o Comércio perdeu espaço, ao passar de 35,5% para 32,5% do total.

## 5 dicas para iniciantes no e-commerce

05/05/2016 - Fonte: Agência FIEP

Redução dos custos com a loja física, maior alcance da marca e um crescimento nominal de 15,3% nas vendas realizadas em 2015. Os dados são de um levantamento da Ebit/Buscapé e ressaltam alguns pontos que motivam empresários a optarem por vender por meio do comércio eletrônico.

O empresário que planeja abrir um e-commerce deve tomar algumas precauções no que diz respeito ao regime jurídico para evitar futuras discussões nos tribunais. O advogado e coordenador do LLM em Direito Empresarial Aplicado da Federação das Indústrias do Estado do Paraná, Giovani Ribeiro Rodrigues Alves, dá algumas dicas para quem pensa em abrir um e-commerce.

### 1. Conheça a legislação específica

As regras sobre as relações de consumo são as mesmas da loja física. Por isso, as mesmas preocupações que o empresário tem no comércio tradicional devem existir no comércio eletrônico.

Além do Código de Defesa do Consumidor (CDC), cabe ao empresário observar o decreto nº 7.962/2013 que regulamenta o CDC especificamente em relação ao comércio eletrônico.

### 2. Informação é tudo

Dentre os aspectos mais importantes do decreto, os e-commerces devem transmitir as seguintes informações:

- ✓ endereço físico para localização e contato;
- ✓ discriminação, no preço, de quaisquer despesas adicionais, como as de entrega ou seguros;
- ✓ condições integrais da oferta, incluindo modalidades de pagamento, disponibilidade, forma e prazo da execução do serviço ou da entrega do produto.
- ✓ esteja atento ao arrependimento do cliente, permitindo a manifestação pelo mesmo meio da compra e fazer o comunicado a instituição financeira para estorno ou cancelamento.

### 3. Passe confiança

A legislação específica impõe obrigações adicionais, além daquelas já previstas em qualquer contrato. Portanto, uma sugestão válida é de que as informações disponíveis no site por força de lei também sejam reproduzidas nos contratos eletrônicos, a fim de demonstrar a boa-fé do empresário. Nesse tipo de contrato a confiança se torna ainda mais importante, pois não há nenhum tipo de contato físico entre comprador e fornecedor.

### 4. Invista em segurança

Utilize mecanismos de segurança eficazes para pagamento e para tratamento de dados do consumidor. Além disso, o empresário deve apresentar no site, antes da finalização da compra, um sumário contendo as principais informações da contratação, enfatizadas as cláusulas que contenham limitação aos direitos dos consumidores. É importante disponibilizar ferramentas eficazes ao consumidor para identificação e correção imediata de erros ocorridos nas etapas anteriores à finalização da contratação.

### 5. Busque a internacionalização

A internet derrubou as fronteiras físicas e possibilitou o acesso rápido e fácil por parte de consumidores de todo o mundo. Mas, para vender para outros países via e-



commerce, é preciso buscar orientação jurídica, observar as regras do comércio eletrônico e estar atento à exportação e à tributação.

Faça a análise prévia e de forma detalhada, mercadoria por mercadoria, e veja se vale a pena iniciar a atividade para determinado país. Cada produto deve passar por esse raio-x para que seja avaliada a viabilidade.

## **Antecedente de Desemprego avança e é o maior desde maio de 2014**

05/05/2016 - Fonte: Agência Brasil

O Indicador Antecedente de Emprego (IAEmp) avançou 3,7% em abril deste ano, alcançando 76,5 pontos, o maior nível desde maio de 2014, quando chegou a 79,3 pontos. Os dados foram divulgados hoje (5) pelo Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV).

Com o resultado de abril, o indicador de médias móveis trimestrais (a comparação entre os três meses encerrados em abril com os três encerrados em fevereiro) acusou alta de 1,5%, a sexta consecutiva, sinalizando, na avaliação da FGV, "uma acomodação no ritmo de queda do pessoal ocupado na economia brasileira ao longo dos próximos meses."

A alta de abril foi influenciada pelo quesito da Sondagem da Indústria, que mede o grau de otimismo em relação à evolução da situação dos negócios nos próximos seis meses, e que chegou a variar 10,8%.

Apesar do resultado ruim em abril, o economista da FGV Fernando de Holanda Barbosa Filho vê movimentos que indicam melhora na margem. "Embora o Indicador Antecedente de Emprego permaneça abaixo da média histórica e o Indicador Coincidente de Desemprego, acima. Ou seja, o mercado de trabalho encontra-se em uma situação ruim."

### **Desaceleração**

Para o economista, a boa notícia é que os movimentos recentes mostram uma melhora na margem. "Esses movimentos evidenciam que, embora o mercado de trabalho deva continuar se deteriorando nos próximos meses, o ritmo da piora está desacelerando", afirma.

Os dados de abril sobre O Indicador Antecedente de Desemprego indicam, também, que o Indicador Coincidente de Desemprego (ICD) apresentou queda em abril, ao variar -1,9%, atingindo 95,6 pontos. É o quarto recuo consecutivo do indicador, que alcançou o menor nível desde setembro de 2015 (92,6 pontos). "A tendência do ICD sinaliza um arrefecimento da evolução negativa da taxa de desemprego", analisa a FGV.

Ainda em relação ao ICD, as classes que mais contribuiram para a queda do indicador foram as dos consumidores com renda mensal entre R\$ 4.800 e R\$ 9.600, cujo indicador de percepção de facilidade de se conseguir emprego (invertido) variou -4,3%. Ao mesmo tempo, o ICD dos consumidores, com renda entre R\$ 2,1mil e R\$ 4,8 mil, variou -3,7%.